

O LUGAR DA HISTÓRIA E CULTURA DE ÁFRICA NO ESPAÇO DA SALA DE AULA NO ISART:

AVALIAÇÃO, APRENDIZAGEM E INVESTIGAÇÃO

YURI MANUEL FRANCISCO AGOSTINHO*

Resumo: *O escopo deste relato de experiência em sala de aula converge em três pontos: o primeiro ponto terá como foco, avaliação da disciplina de História e Cultura de África, aspectos gerais e em relação ao docente. O segundo vai tratar sobre a representação dos conteúdos aprendidos em sala de aula. Com o terceiro ponto, pretende-se acompanhar as trajetórias pessoais dos estudantes em torno da pesquisa orientada pelo professor. Os sujeitos pesquisados são estudantes do segundo ano do Instituto Superior de Artes, dos cursos de Artes Visuais e Design de Moda. As estratégias metodológicas da pesquisa compreenderam o uso de questionário, entrevistas individuais e coletivas, além de pesquisa bibliográfica e documental.*

Palavras-chave: *História e Cultura de África; avaliação; aprendizagem; investigação.*

Abstract: *The scope of this experience report in the classroom converges on three points. The first point will focus on the evaluation of the discipline History and Culture of Africa, general aspects, and concerning the teacher. The second point will deal with the representation of the contents learned in the classroom. On the third point, we want to follow the personal trajectories of students around teacher-led research. The subjects researched are second-year students of the Instituto Superior de Artes of the Visual Arts and Fashion Design courses. The research methodology included questionnaires, individual and collective interviews in addition to documentary and bibliographic research.*

Keywords: *History and Culture of Africa; evaluation; learning; research.*

1. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA E CULTURA DE ÁFRICA, ASPECTOS GERAIS E EM RELAÇÃO AO DOCENTE

O estudo nasce da necessidade de colher dos estudantes do Instituto Superior de Artes as suas visões sobre a disciplina e a prática do docente na sala de aula. Neste contexto, a primeira parte deste artigo terá como foco a avaliação da disciplina de História e Cultura de África, aspectos gerais e em relação ao docente. A segunda parte vai abordar a representação dos conteúdos aprendidos em sala de aula. A terceira parte vai-se ocupar de olhar as trajetórias pessoais dos estudantes em torno da pesquisa orientada pelo professor.

Para alcançarmos resultados com base na avaliação da disciplina de História e Cultura de África, aspectos gerais e em relação ao docente, foi elaborado um

* ISART. Email: yanessanguifada@gmail.com.

questionário com perguntas fechadas. A escolha da amostra poderia ser aleatória, mas para este turno escolhemos uma amostra dirigida. O critério utilizado para escolha da amostra dirigida baseou-se na pertinência do plano de estudo dos cursos de Artes Visuais e Design de Moda. Por outro lado, pela avaliação prévia de conhecimentos dos estudantes face a determinados conteúdos com ligações à cadeira de História e Cultura de África.

Os dados recolhidos, de uma forma geral, foram analisados qualitativamente. Esta pesquisa permitirá empregar procedimentos interpretativos e a representação verbal dos dados. A informação recolhida a partir dos inquéritos por questionário foi tratada com o *software* PSPP¹. A tarefa no PSPP desenvolveu-se da seguinte forma: definiu-se variáveis no menu *variable view*; introduziu-se os dados em *data view*; exploração dos dados em *analyze* e por último analisou-se os dados em *outputs*.

Foram inquiridos 25 estudantes do ISART, desse total 11 pertencem ao curso de Artes Visuais do segundo ano (o que corresponde a 44% do total), os restantes 14 são estudantes do curso de Design de Moda do segundo ano (o que corresponde a 56% do total). Com base no inquérito feito obtivemos os seguintes resultados:

1. Planeamento do curso. (4) — Categorias: Excelente, Bom, Razoável e Ruim. O resultado da primeira questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face o planeamento do curso. É possível notar que a categoria (Bom) apresenta-se com um valor de 10 (40%), em seguida posicionam-se as categorias (Excelente), (Ruim) e (Razoável) respectivamente com 8 (32%), 4 (16%) e 3 (12%).
2. Dinâmica das aulas. (4) — Categorias: Excelente, Boa, Razoável e Ruim. O resultado da segunda questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face à dinâmica das aulas. É possível notar que a categoria (Boa) apresenta-se com um valor de 12 (48%), em seguida posicionam-se as categorias (Razoável), (Excelente) e (Ruim) respectivamente com 6 (24%), 5 (20%) e 2 (8%).
3. Metodologia utilizada no desenvolvimento do conteúdo da disciplina. (3) — Categorias: Inadequada, Adequada e Não sei avaliar. O resultado da terceira questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face a metodologia utilizada no desenvolvimento do conteúdo da disciplina. É possível notar que a categoria (Adequada) apresenta-se com um valor de 15 (60%), em seguida posicionam-se as categorias (Não sei avaliar) e (Inadequada) respectivamente com 6 (24%) e 4 (16%).

¹ O PSPP é um *software* livre para análise de dados, destinado a ser uma alternativa para o IBM SPSS. Ele possui uma *interface* gráfica de usuário e *interface* de linha de comando. Está escrito em C e usa a Biblioteca Científica GNU para suas rotinas matemáticas.

4. Contribuição para a sua formação acadêmica geral. (4) — Categorias: Significativa, Razoável, Pouca e Nenhuma. O resultado da quarta questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face à contribuição da disciplina para a sua formação acadêmica geral. É possível notar que a categoria (Significativa) apresenta-se com um valor de 11 (44%), em seguida posicionam-se as categorias (Razoável), (Pouca) e (Nenhuma) respectivamente com 9 (36%), 4 (16%) e 1 (4%).
5. Contribuição para o desenvolvimento de sua capacidade crítica. (4) — Categorias: Significativa, Razoável, Pouca e Nenhuma. O resultado da quinta questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face à contribuição para o desenvolvimento de sua capacidade crítica. É possível notar que a categoria (Significativa) e (Razoável) apresentam uma igualdade no valor da frequência 9 (36%), em seguida posicionam-se as categorias (Pouca) e (Nenhuma) respectivamente com 4 (16%) e 3 (12%).
6. Avaliação geral da disciplina. (4) — Categorias: Excelente, Boa, Razoável e Ruim. O resultado da sexta questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face a avaliação geral da disciplina. É possível notar que a categoria (Boa) apresenta-se com um valor de 9 (36%), em seguida posicionam-se as categorias (Razoável), (Excelente) e (Ruim) respectivamente com 8 (32%), 7 (28%) e 1 (4%).
7. Clareza na apresentação e no desenvolvimento do conteúdo proposto. (3) — Categorias: Muita, Razoável e Pouca. O resultado da sétima questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face à clareza na apresentação e no desenvolvimento do conteúdo proposto. É possível notar que a categoria, (Muita) e (Razoável) apresentam uma igualdade no valor da frequência 11 (44%), em seguida posiciona-se a categoria, (Pouca) com 3 (12%).
8. Comprometimento com as aulas (assiduidade, atenção às dúvidas dos alunos, etc.). (3) — Categorias: Grande, Razoável e Pequeno. O resultado da oitava questão ilustra, de uma forma geral, a apreciação dos estudantes face ao comprometimento com as aulas. É possível notar que a categoria (Grande) apresenta-se com um valor de 14 (56%), em seguida posicionam-se as categorias (Razoável) e (Pequeno) respectivamente com 9 (36%) e 2 (8%).
9. Estímulo a participação dos alunos nas aulas e atividades propostas. (3) — Categorias: Grande, Razoável e Pequeno. O resultado da nona questão ilustra, de uma forma geral, o estímulo à participação dos alunos nas aulas e atividades propostas. É possível notar que a categoria (Grande) apresenta-se com um valor de 14 (56%), em seguida posicionam-se as categorias (Razoável) e (Pequeno) respectivamente com 8 (32%) e 3 (12%).
10. Desempenho do docente de uma maneira geral. (3) — Categorias: Excelente, Bom e Razoável. O resultado da décima questão ilustra, de uma forma

geral, o desempenho do docente de uma maneira geral. É possível notar que a categoria (Excelente) apresenta-se com um valor de 13 (52%), em seguida posicionam-se as categorias (Bom) e (Razoável) respectivamente com 8 (32%) e 4 (16%).

2. REPRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS APRENDIDOS EM SALA DE AULA

Enfatizamos a partir de agora as narrativas dos estudantes dos cursos de Design de Moda e Artes Visuais. A nossa intenção é tentar compreender qual é a representação dos conteúdos aprendidos em sala de aula. Nesse sentido, começaremos com uma questão colocada no âmbito do inquérito realizado aos estudantes dos cursos supracitados: qual é o seu ponto de vista em relação à sua aprendizagem?

Após o contacto com o material transmitido em sala de aula, digo que aprendi muitas coisas que antes desconhecia, ou seja, o material dado em sala de aula despertou o meu interesse em querer saber mais sobre os conteúdos dados, algo que anteriormente não havia acontecido².

Por outro lado, LV (2019), estudante do curso de Design de Moda, enfatiza: «não foi o que esperava, tendo em conta o curso». Contudo, ela estava na expectativa de conhecer a moda dos nossos antepassados, embora reconheça que está ser benéfico receber outros conteúdos nesta disciplina. A estudante DG (2019), do curso de Design de Moda, por sua vez, salienta:

Acerca do meu aprendizado hoje, tendo o meu ponto de vista, eu vejo as coisas de uma forma diferente. Eu pensava que os Portugueses descobriram a África. Mas com os debates na sala e com ajuda do material disponibilizado pelo professor, hoje tenho uma outra consciência dos factos históricos³.

O estudante HG (2019), do curso de Artes Visuais, respondeu da seguinte forma:

Aprendi muito sobre a história de África e cultura de outros povos. Olha, que sem ajuda do professor e dos conteúdos se calhar nem sentiria a preocupação de investigar a história do nosso continente⁴.

² HD, estudante do curso de Design de Moda, ISART, 2019.

³ DG, estudante do curso de Design de Moda, ISART, 2019.

⁴ HG, estudante do curso de Artes Visuais, ISART, 2019.

Dando sequência à análise do inquérito, ressaltou-nos outras narrativas interessantes, concernentes à seguinte questão: é possível fazer uma breve resenha com fundamentação de alguns temas que foram debatidos em sala de aula?

O estudante VC (2019), do curso de Artes, por sua vez, destaca:

São muitos os conhecimentos apreendidos durante as aulas que até consigo resumir em tão poucas palavras, ou seja, vou focar-me em algumas aulas ou temas: como as transformações do nome do continente africano; a localização; a ideia que a África era um continente fechado, assunto que podemos rebater com o texto de Horton, que África foi sempre um continente aberto. Olhamos também sobre as migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. Por outro lado vimos os problemas antropológicos e linguísticos no estudo de povos no continente africano⁵.

Por outro lado, a estudante HD (2019), do curso de Design de Moda, relata que na sala de aula debateu-se vários temas:

Falamos da África em fase de transição: a fase pré-colonial, a fase mercantil, a colonização, temas retirados do livro de Rui Moreira de Carvalho, Compreender + África: fundamentos para competir no Mundo. Por outro lado, também vimos os espaços de troca; os espaços estatais, políticos e de guerra; espaços linguísticos; espaços culturais e religiosos, textos retirados do livro de Jean-Loup Amselle e Elikia M'bokolo Pelos meandros da etnia. Etnias, Tribalismo e Estado em África⁶.

A estudante DG (2019), do curso de Design de Moda, fala sobre os temas debatidos em *África: biografia de um continente* como a origem do nome de África, a geografia, o território, a demografia e os factores geográficos. Na mesma senda, destaca a emergência das civilizações africanas no mundo antigo. Neste tema em específico a estudante fala sobre a questão do sistema matrilinear em África e da presença de africanos na Europa. Por último, a estudante enfatiza as teorias de Cheikh Anta Diop que foram produzidas em prol de África e que tiveram efeitos performativos.

A estudante AT (2019), do curso de Design de Moda, na sua narrativa, diz que o foco dos temas debatidos em sala de aula recaiu mais para o continente africano. Falou-se da contribuição da África no plano do desenvolvimento de várias regiões no mundo, de uma África ofuscada, de um continente que foi sempre aberto, uma África com suas indústrias e saberes endógenos, uma África com estados formados, das invenções no antigo Egípto e o conhecimento que a Europa e o Médio Oriente obtiveram com base nas relações com a civilização egípcia e outros povos do continente africano.

⁵ VC, estudante do curso de Artes Visuais, ISART, 2019.

⁶ HD, estudante do curso de Design de Moda, ISART, 2019.

Na segunda questão respondida pelos estudantes é possível notar a pertinência dos temas e abrangência dos mesmos. Por outro lado, os relatos supracitados reforçam um olhar cruzado sobre o impacto que estes temas causaram em sala de aula e na vida dos estudantes. Hoje os estudantes dizem que olham o continente sob uma outra perspectiva, não descurando os problemas actuais. Os relatos em sala de aula trazidos para este turno, remetem-nos a olhar minuciosamente para os objectivos desta disciplina ou necessariamente saber qual é o foco dela? Na verdade, a disciplina de História e Cultura de África foca-se principalmente em analisar o passado histórico do continente, as representações estereotipadas sobre a África e os africanos, a história africana a partir da sua própria realidade cultural, os diversos rostos da identidade africana, as áreas culturais, a riqueza cultural, as tradições, os processos partilhados e as conexões para se compreender a reciprocidade das influências e as ações que partiram dos africanos na construção de sua história cultural.

No decorrer da análise do inquérito foi possível notar uma proximidade nas respostas dadas pelos estudantes. Por exemplo na questão: qual é o tema que ajudou-te a ter um interesse na disciplina? O estudante MJ (2019) responde da seguinte forma: «o debate que ajudou-me a compreender a disciplina de modo geral foi as investigações e as questões levantadas pelo Historiador Cheick Anta Diop». Assunto que os outros estudantes reforçaram em vários momentos, diante de uma narrativa em que é perceptível ver os estudantes com admiração e o interesse de estudar mais a África e suas culturas.

Deixando a narrativa do estudante MJ (2019), o nosso olhar recai para a narrativa do estudante VC (2019). O tema que lhe ajudou a ter o interesse na disciplina foi: «as sociedades africanas», onde tratou-se especialmente dos reinos sudaneses e seus desdobramentos, embora tenha-se estendido o olhar a outros reinos. Neste tema debatido em sala de aula, lembro-me com muita satisfação que foi uma aula bem conseguida. É de realçar que os estudantes depois de uma consulta minuciosa dos textos levaram grandes desafios em sala de aula. Com um debate profícuo os estudantes falaram sobre a geografia, a economia, as cidades, as trocas, a política, a fundação dos reinos, as guerras e a questão de sucessão dos reinos, em evidência estiveram em análise os reinos do Mali, Gana e Songai.

Na mesma senda e em resposta à questão supracitada, a estudante HD (2019) fala sobre o texto de Horton: «o debate que ajudou-me a compreender a disciplina de uma forma geral foi o debate em sala de aula sobre as ideias do texto de Horton». A partir do texto de Horton, repleto de questionamentos sobre a África e o resto mundo, podemos levantar várias questões: que ilação é possível tirar da África que encontramos no texto de Horton?, quais são as questões que podem ser levantadas?, qual é a posição de África que se encontra no texto de Horton em relação ao resto do mundo? Foram estas e mais questões discutidas

em sala de aula, proporcionando desta forma efeitos performativos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

O texto de Horton congrega várias posições e uma delas é o posicionamento em defesa da África face aos vários discursos carregados de estereótipos sobre o continente africano. Neste sentido, Horton usou exemplos de outros contextos, fora da geografia do continente africano, como unidade analítica de comparação. Porém, podemos olhar um substrato do texto de Horton, onde é possível ver suas posições:

Roma não foi construída num dia; o orgulhoso reino na Europa foi antes um estado da barbárie talvez pior do que aquele que existe entre as tribos que encabeçaram os habitantes da costa ocidental de África; e isto é um axioma incontornável de que o que foi pode voltar a ser feito. Todavia, se a Europa, tiver sido atingida no seu firmar de civilização pelo avanço progressivo, também a África, com a garantia de Civilização do norte, crescerá com igual importância. O núcleo foi plantado; só começou a mostrar os sinais de vida e futuro vigor, atirou a legitimidade bem como os seus rebentos estranhos... Bem se pode dizer que o estado presente da África Ocidental é, de facto, a história do mundo que se repete ela própria⁷.

A estudante LV (2019) relata que nos debates em sala de aula aprendeu que África contribuiu de forma direta para o desenvolvimento do mundo, assim como outras nações ou continentes. Algo que ela não entendia é a denominação da África como o berço da Humanidade. O debate em sala de aula sobre este tema com base no texto *A civilização africana no mundo antigo* ajudou-a a compreender o porquê desta denominação.

Em relação à questão atinente aos conteúdos administrados e debatidos em sala de aula, mudaram a forma de aprender, argumentar e comunicar dos alunos? Em resposta à questão começamos com o relato do estudante JM (2019):

Obviamente os conteúdos administrativos e debatidos em sala de aula mudaram a minha forma de aprender, argumentar e comunicar, afirmo isto, porque durante muito tempo que venho a participar de muitas aulas de outras disciplinas, raramente notei debates abertos em que envolve várias contraposições de ideias durante 90 minutos de aula. Com este método descobri que é um grande e forte treinamento para enfrentarmos questões, um dia seremos chamados para debatemo-las⁸.

Na mesma senda, o estudante AC (2019) afirma que agora tem uma abordagem instrutiva, uma vez que já consegue falar de temas, contextualizá-los, e saber a influência que o autor teve, a sua tese, e a partir desse ponto já é possível fazer críticas e reflexões pessoais. Por outro lado, a estudante DM (2019) fala que embora nunca tenha tido muitos problemas em argumentar e comunicar, reconhece que

⁷ HORTON, 1969: 1.

⁸ JM, estudante do curso de Design de Moda, ISART, 2019.

os conteúdos debatidos em sala de aula ajudaram-lhe a crescer em termos de pensamento crítico, analítico e lógico.

A estudante GS (2019) declara que os debates mudaram a sua forma de pensar, naturalmente hoje olha África com uma outra perspectiva, enquanto a estudante DG (2019) explica que possuía uma visão diferente concernente à História e às diferentes culturas existentes em África. O material disponibilizado pelo professor e os debates na sala de aula ajudaram-lhe a ter uma ideia diferente em relação ao conteúdo apreendido em classes anteriores.

Para finalizar, a estudante AT (2019) confessa que as aulas mudaram muito a sua forma de ver África, ela já consegue defender-se, se por acaso alguém perguntar sobre o continente, estará preparada para usar os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Outra coisa que chamou a minha atenção foi o método que o senhor professor utilizou, admito que foi assertivo, o professor explica muito bem e os debates com os colegas ajudaram-me a entender melhor a matéria⁹.

Os conteúdos assimilados face às aulas transmitidas em sala de aula representam o que Paulo Freire exprime com clareza: «educação como prática da liberdade»¹⁰. Neste sentido, são múltiplas as práticas didáticas para estimular os alunos e articular o saber histórico. Durante a aula, o professor realiza operações que convergem para a propagação, multiplicação e trânsito do conhecimento histórico, e ainda, cria a produção de um conhecimento histórico escolar. Mas este processo não está centralizado unicamente no professor. Pelo inverso, os estudantes cooperam com seus saberes, que, por sua vez, estão em conversação com saberes históricos extraescolares assimilados em suas trajetórias sociais. A dinâmica de uma sala de aula é variada, multifacetada e polifónica. São parâmetros que esboçam uma educação interativa, dialógica, ou seja, a reiteração dos princípios propostos por Paulo Freire em favor da educação reflexa e crítica que considere as condições de vivência do estudante e seus saberes¹¹.

Uma das temáticas pertinentes à discussão sobre ensino de História nas últimas décadas se refere ao uso de documentos históricos na prática de sala de aula e mais especificamente desde o fim do século XX até ao momento, com vista à produção do conhecimento em sala de aula. As fontes históricas assumem um papel fundamental na prática do ensino de História, uma vez que são capazes de ajudar o aluno a fazer diferenciações dos temas debatidos e também do saber que adquirem em outros contextos¹².

⁹ AT, estudante do curso de Design de Moda, ISART, 2019.

¹⁰ FREIRE, 1967.

¹¹ FERREIRA, 2018: 34.

¹² XAVIER, 2010: 640.

3. TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES EM TORNO DA PESQUISA ORIENTADA PELO PROFESSOR

Para este turno os estudantes foram convocados para um exercício, o qual baseou-se em fazer um enquadramento de espaços sociais e espaços de redes de trocas de um império ou estado em África¹³. No entanto, foi necessário explicar como seria o trabalho escrito, as fontes e alguns métodos para a seleção de tópicos. Mediante a escolha criteriosa de um tema, os estudantes apresentaram como proposta o tema: «Monomotapa». A proposta foi discutida com base nos termos de referência, e aprovada em sala de aula.

Em seguida, o coletivo de estudantes foi dividido em dois grupos: onze estudantes pertencem ao curso de Artes Visuais e catorze ao curso de Design de Moda. As tarefas foram distribuídas da seguinte forma: os estudantes do curso de Artes Visuais ficaram com a responsabilidade de fazer um trabalho de revisão bibliográfica e posteriormente apresentar um seminário, em relação aos estudantes do curso de Design de Moda a escolha recaiu igualmente na leitura dos textos selecionados, e posteriormente foram convocados a participar na avaliação e na orientação do debate feito pelo outro grupo, indicando os aspectos positivos, negativos, ignorados e lacunas. Como resultado, passaremos abaixo uma súmula da revisão bibliográfica que os estudantes efetuaram, assim como breves considerações sobre a pesquisa e a experiência vivenciada ao longo da elaboração do trabalho.

Sobre as origens do império Monomotapa, podemos encontrar várias fontes contemporâneas que se referem ao mesmo. Fazendo uma análise dos aspectos abordados na bibliografia selecionada, é importante destacar o seguinte: que há um determinado grupo de autores que trataram o tema do império de Monomotapa com maior profundidade e outros procuram simplesmente generalizar e trabalhar com tópicos que marcam os acontecimentos de relevância na narrativa pertencente ao império. Podemos ver abaixo as diferentes abordagens.

As influências, semelhanças e afinidades com a monarquia divina do antigo Egito em relação a alguns estados da África negra têm tido atenção de muitos historiadores ou etnógrafos. A reconstrução da história do império Monomotapa passa por uma combinação de fontes disponíveis para o estudo genérico, possibilitando a abertura de novas abordagens¹⁴. A confrontação das fontes e sua atenção profunda na globalidade sobre as origens do estado de Monomotapa centrado na análise do estudo de Mutage abre discussões sobre a fundação de instituições da corte, sistemas de sucessão, religião, forças militares, relações com

¹³ Os espaços sociais e redes de trocas em sociedade em África que se desenvolveram e coexistiram até ao princípio da colonização.

¹⁴ FAGE, TORDOFF, 2013.

estados vizinhos, bases económicas, penetração portuguesa e relações que ambos estabeleceram¹⁵.

Existe uma narrativa com o interesse de ir buscar elementos que possam dar subsídios para a reconstrução dos mitos de origem do império Monomotapa. Neste sentido, Elikia M'Bokolo mostra as diversas fontes sobre o império e aponta lacunas, com base em alguns excessos cometidos pela historiografia europeia, concernentes às relações que marcam a ligação do Europeu com o estado Monomotapa. Por outro lado, o autor faz uma confrontação entre as fontes: arqueológicas, escritas europeias, escritas africanas e fontes de tradição oral. E por fim, realça que a história do império Monomotapa encontra-se ainda com muitos mistérios¹⁶. É nesse contexto que Basil Davidson apresenta uma narrativa do império Monomotapa, cruzando principalmente as fontes escritas europeias com as fontes arqueológicas. O autor aponta as fragilidades das fontes escritas portuguesas. E neste âmbito, são levantadas inúmeras questões atinentes à dificuldade que os portugueses tiveram para determinar com exatidão os limites do império de Monomotapa. Ele centra a sua abordagem nas ruínas encontradas num vasto território, reforçando a cronologia exata de todos edifícios de pedra. O autor realça que Monomotapa pode ter exercido a sua soberania em épocas diferentes sobre grande parte dos territórios que são hoje Moçambique e a Rodésia. As ruínas espalhadas, numa área extensa, revelam-nos que nesta região houve uma experiência política e social, e desenvolveu-se conjuntamente uma civilização da idade do ferro na África meridional¹⁷.

Ainda na senda das fontes, H. H. K. Bhila começa a sua abordagem apontando os pontos fracos concernentes às fontes, remetendo-se nas narrativas de viajantes e comerciantes portugueses, relatos que fazem testemunho à luz do século XVI. O autor descreve a origem do império segundo as fontes escritas europeias. Faz referência à língua veicular neste império, e olha igualmente sobre as seguintes questões: os limites de extensão do império e os reinos que faziam parte do império. Aponta as fragilidades concernentes aos processos e às dinâmicas sociais ocorridas no império Monomotapa. Relata sobre a administração local, as cidades e as suas estruturas, tipos de habitações e as respectivas funcionalidades. Expõe e analisa os métodos de controlo administrativo assim como as crenças. Fala sobre a religião que podia ser utilizada para legitimar o poder e o papel crucial de mecanismo social em matéria de controlo político. As relações do império Monomotapa com os portugueses, que numa primeira fase, passou por uma diplomacia. Contudo o autor realça o período de rotura entre os monarcas Mutapa e os portugueses, a cobiça do comércio do ouro, a livre circulação e a

¹⁵ SOUTO, 1996.

¹⁶ M'BOKOLO, 2012.

¹⁷ DAVIDSON, 1977.

expulsão dos mercadores árabes, evidencia também o problema de sucessão com envolvimento dos portugueses na passagem do trono. Na mesma senda, levantou-se a questão do batismo do rei, a instalação de um novo sistema sociopolítico, a ocupação de terras por aventureiros portugueses, a partir deste ponto, surge o regime denominado por sistema do prazo, que era uma síntese de dois sistemas socioeconómicos.

O primeiro caracterizado por uma sociedade que dividia-se em oligarquia, constituída por dirigentes e camponeses produtores. O segundo era constituído por uma classe que se sobrepunha à outra, reinando como classe dominante. O autor também faz uma síntese detalhada do declínio do sistema do prazo, que esteve ligado à fragilidade do sistema, por um lado, e por outro à questão da delimitação da autoridade do prazo em correlação ao chefe africano tradicional. Por último, o autor fala do tráfico de escravos que foi outro factor que contribuiu para a caída do sistema do prazo¹⁸.

Sobre as relações entre os portugueses e os africanos na África Austral no século XVI, Ana Cristina Roque olha sobre esta relação evidenciando muitos exemplos. Por outro lado, a autora faz uma retrospectiva dos assuntos debatidos na Europa, concernente ao africano e sua imagem, tema que difundiu-se longos e longos anos. Contudo a fundamentação do tema consubstanciava-se nos aspectos físicos, nos usos e costumes, e colocavam o africano como sendo inferior ao mundo ocidental. A autora realça que as viagens ajudaram a clarificar a ideia da imagem do africano. Neste sentido, muitos formaram uma ideia, os que se revelaram incapazes de admitir uma alteração tão profunda continuaram agarrados à imagem de um mundo construído com mitos e selvajaria sendo o Ocidente considerado o único estado evoluído.

As fontes escritas europeias são confrontadas, principalmente a inglesa, italiana e a portuguesa. Mas a autora centra-se na portuguesa, para dar ênfase e poder construir novas abordagens com valores performativos em relação ao africano. Desta feita, a sua abordagem fica afastada dos mitos e aproxima-se das diferenças. Podemos ver alguns exemplos que ela desenvolve no decorrer do estudo. Ela dá importância, em particular, ao estudo de António Fernandes, precursor na penetração no sertão africano, narra a sua experiência no império Monomotapa da seguinte forma: existia uma unidade cultural que mostra um conjunto de costumes comuns a todos os povos que ele teve a possibilidade de contactar. As festas em particular eram elementos que caracterizavam a população em geral. Utilizavam o mesmo tipo de armas. A forma de organização do espaço era dividida por grandes fortalezas de pedras. Neste mundo, era um sertanejo povoado de reinos, cujas relações, eram tensas e marcadas pela rivalidade política e económica.

¹⁸ BHILA, 2010.

Estes relatos de António Fernandes são de capital importância, de tal forma representam um contraponto, concernente à problematização da representação dos africanos, numa historiografia europeia carregada de preconceitos.

Para os estudantes, as narrativas de António Fernandes fornecem informações fundamentais sobre as sociedades africanas. O testemunho de Duarte Barbosa pode ser considerado semelhante ao de António Fernandes. Neste contexto, pode-se ver que Barbosa excede Fernandes relativamente à compilação de informações sobre o império Monomotapa. Barbosa descreve dados sobre a população e o seu quotidiano, constatação da existência de traços comuns às populações da faixa costeira e do *hinterland* de Sofala, a língua falada «aravia», alimentação e vestuário. Eram produtores, mercadores e intermediários comerciais, as suas principais povoações relacionavam-se num quadro de um vasto corredor e complexo comercial que se articulava entre o continente e a Índia e o Oriente por via do Índico. Ele fala sobre saberes locais, da tecnologia artesanal em tecelagem, dos panos de algodão e das actividades económicas¹⁹.

Quanto às viagens no transcurso dos séculos XV e XVI, António Borges Coelho aponta os pontos encontrados e as suas respectivas nomeações, como por exemplo: o Cabo Não, Cabo Bojador, Costa do Ouro, Cabo Verde, etc. Neste contexto, estas viagens permitem que se examine também um período antigo e milenar que marcou as viagens no Mediterrâneo e na Península Ibérica. Reforçando que ao longo dos séculos XV e XVI até ao século XX, os portugueses foram agentes da história no continente africano e também, em muitos casos, testemunhas privilegiadas do tempo e dos homens. O autor centra a sua abordagem nas narrativas sobre a África, culminando num estudo exaustivo sobre a geografia e a história dos povos de Monomotapa. Fazendo recurso aos seus escritos, os estudantes apontaram algumas lacunas e também pontos fortes. É possível compreender a descrição do trabalho de campo e alguns arquivos que João de Barros consultou. O autor demonstra que João de Barros criticou Ptolomeu, dizendo que este autor desconhecia a existência da parte do continente africano situada a sul do cabo de Moçambique. Nesta região austral encontrava-se uma vasta região pertencente ao Monomotapa. Descreve o território geograficamente indicando quais os rios circundantes da região, pondo em evidência a sua função enquanto via essencial para o transporte. Também refere que o marfim foi muito utilizado no comércio, entre outros produtos trocados pelos comerciantes árabes. A sua obtenção representava a morte de quatro a cinco mil elefantes por ano, em média. Depois, tinha como destino a Índia. Conseguiu identificar que estes povos tinham uma religião local, práticas fúnebres e eram polígamos. As vestes eram basicamente de panos de algodão feitos localmente e outros provenientes da Índia.

¹⁹ ROQUE, 2011.

Enfim, o autor procura mostrar por um lado a riqueza cultural dos povos de Monomotapa, assim como as informações sobre a geografia e a economia. Evidencia que João de Barros não se limitou apenas às narrativas de viagem dos seus contemporâneos, ele faz também uma confrontação entre a experiência vivida no terreno e as fontes dos precursores no estudo da região em análise. A ideia principal foi dar relevância às origens, povoamento, organização social e política de Monomotapa²⁰.

Sobre a fundação do império Monomotapa, W. G. L. Randles através das fontes portuguesas procurou reconstruir os factos que estão ligados com a história, localização e a identidade étnica dos povos. O autor consulta as fontes árabes e confronta-as com as portuguesas, consegue dar a referência e localização do império e a sua posição geográfica, explicando: «as condições permitiram o desenvolvimento de uma civilização e que esta zona também era rica em ouro». Contudo, levanta questões pertinentes e também lacunas atinentes às questões que têm a ver com a reconstrução de rotas, que muitos autores tentaram reconstruir. Por último, o autor relata os problemas da linhagem, das dinâmicas internas do império, da unificação entre estados e o declínio do império Monomotapa²¹.

Os primeiros trabalhos escritos na Europa sobre o império de Monomotapa são analisados por Willy Bal. Neste contexto, o autor identifica o exagero da produção historiográfica portuguesa referente à localização exata do império. No decorrer do estudo esta questão foi posta em causa e as respostas podem ser controversas. Sobre o povoamento o autor indica um excelente trabalho, que W. G. L. Randles escreveu em 1959. O seu trabalho dialoga sobre a imagem do sudeste da África na literatura europeia do século XVI. Para uma descrição etnográfica, ele utiliza o trabalho de João de Barros, culminando desta feita com uma obra fenomenal que foi traduzida e os resumos publicados em várias línguas. Efetivamente a obra João de Barros traz algo de muito útil para poder acabar com os mitos que a Europa tinha em detrimento da África. Vários autores fazem referência aos exércitos do império ou legiões militares de Monomotapa, exemplo disto são os autores Duarte Barbosa e Filippo Pigafetta Poligrafo, corroborando a mesma ideia, embora com exposições diferentes. Em suma, o autor aprofunda e cumpre com aquilo que espelha nas primeiras páginas, confrontando as fontes, apontando as lacunas, e posteriormente constrói novas abordagens sobre o império levantando também hipóteses. E também faz uma análise historiográfica sobre os países precursores dos descobrimentos, centra a sua abordagem no império Monomotapa²².

²⁰ COELHO, 1994.

²¹ RANGLES, 1974.

²² BAL, 1993.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais o escopo deste relato de experiência em sala de aula marca uma trajetória ligada em três eixos fundamentais: avaliação, aprendizagem e investigação. Os temas abordados ao longo das aulas para muitos estudantes foram uma novidade. Neste sentido os estudantes saem motivados e encorajados a fazer pesquisas extra, para um melhor entendimento sobre África e sobre o homem africano enquanto agente da sua própria cultura. Temos recebido apoios de várias regiões uma vez que os estudantes que compõem a população estudantil do ISART são provenientes de várias províncias de Angola. Outras realidades, outras experiências de vida estão presentes no imaginário dos estudantes, logo há partilhas sobre saberes e a partir deste ponto, há uma abertura para um diálogo performativo entre o professor e os estudantes.

O exercício feito pelos estudantes torna-se um instrumento valioso com base no ensino e na aprendizagem. Por outro lado, os estudantes reconheceram que o conhecimento conquistado com base na experiência na feitura do trabalho está intrinsecamente ligado aos meios de ensino que o professor utilizou. Também reconhecem que estudar diferentes fontes documentais sobre as civilizações do continente africano é uma forma de estímulo para se ir à busca do conhecimento histórico, geográfico e cultural do continente africano. Com este exercício foi possível olhar vários níveis de textos, que permitiram contextualizar o tema abordado no terceiro ponto deste turno. Contudo, acreditamos que esta experiência reproduziu efeitos performativos nos estudantes e contribui para a produção do conhecimento em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

- BAL, Willy (1993). *Au Monomotapa*. Bruxelas: Académie royale de langue et de littérature françaises de Belgique. [Consult. 5 mai. 2019]. Disponível em <www.arllfb.be>.
- BHILA, H. H. K. (2010). *A região ao sul do Zambeze*. In OGOT, Bethwell Allan, ed. *História Geral de África*. Brasília: UNESCO, vol. V, pp. 755-806. Vol. V. África do século XVI ao XVIII.
- COELHO, António Borges (1994). *A África na Ásia* de João de Barros. In *Colóquio Construção e ensino da história de África*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 201-229.
- DAVIDSON, Basil (1977). *Revelando a Velha África*. 2.ª ed. Lisboa: Editora Prelo. (Cadernos de Hoje; 5).
- FAGE, John Donnelly; TORDOFF, William (2013). *História da África*. 1.ª ed. Lisboa: Edições 70.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida (2018). Qual a relação entre a história pública e o ensino de história? In MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade, org. *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, pp. 29-39.
- FREIRE, Paulo (1967). *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- HORTON, James Africanus Beale (1969). *West African Countries and Peoples*. Ed. G. Shepperson. Edinburgh: Edinburgh University Press.

- M'BOKOLO, Elikia (2012). *África Negra. História e civilizações até ao século XVIII*. Lisboa: Edições Colibri, tomo I.
- RANDLES, W. G. L. (1974). *La fondation de l'empire du Monomotapa*. «Cahiers d'Études africaines». 14:54, 211-236.
- ROQUE, Ana Cristina (2011). *Portugueses e africanos na África Austral no século XVI: da imagem da diferença ao reforço da proximidade*. In RODRIGUES, José Damião; RODRIGUES, Casimiro, coord. *Representações de África e dos Africanos na História e Cultura — Séculos XV a XXI*. Ponta Delgada: CHAM, pp. 89-105.
- SOUTO, Amélia Neves de (1996). *Guia bibliográfico para o estudante de história de Moçambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane — Centro de estudos Africanos.
- XAVIER, Erica da Silva (2010). *Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na produção do conhecimento histórico*. In *XXII Semana de História da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Os historiadores e suas fontes: Ensino e Pesquisa*, pp. 634-654. [Consult. 26 jun. 2010]. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ensino_e_historia_o_uso_das_fontes_historicas_como_ferramentas_na_producao_de_conhecimento_historico.pdf>.